

Em 2023, retomamos a publicação regular desta publicação, após os impactos dos anos de pandemia, que nos obrigaram a interromper os trabalhos por um breve período. Este número 7 da *Revera* chega nos formatos já conhecidos – digital e impresso.

Ao prepararmos esta edição, percebemos que os temas se organizavam em torno de experiências fortemente subjetivas no processo da escrita, como o sonho, a magia e a fantasia. É natural que seja assim, quando falamos de processos criativos. Mas é traço fundamental no projeto editorial desta Revista investigar e debater, com espírito crítico, os processos subjetivos envolvidos na escrita, na leitura e na avaliação dos textos. Por um lado, é preciso preservar o espaço livre da criação. Por outro, é necessário criar ferramentas para que a liberdade se constitua com autoridade e, por fim, autonomia.

Neste número, “Habitação: uma reflexão sobre o processo criativo de Robert Olen Butler”, de Rodrigo Martins Bittencourt, aborda o processo criativo sob a perspectiva do escritor e professor de escrita criativa estadunidense, para quem a arte literária nasce do inconsciente ou, mais precisamente, do sonho, como resultado das experiências sensíveis do ser humano em contato com o mundo exterior. A ficção é entendida por Butler como a arte do anseio humano, já que uma história só pode avançar com a percepção, ainda que intuitiva, do anseio do personagem central, já que sem esse anseio a narrativa não se move. A literatura, assim, deve evocar no leitor um envolvimento sensorial, o que permite que ele se entregue à história e penetre no mundo ficcional vivendo, com os personagens, o desenrolar dos acontecimentos. Bittencourt propõe nomear esse processo como “habitação”, no sentido da relação íntima que

se cria com um personagem, processo de imersão na obra que acontece tanto com o escritor, no momento da criação, quanto com o leitor, durante a leitura.

O artigo de Bittencourt se torna ainda mais interessante quando nos lembramos de outro que publicamos em 2016 (*Revera*, v. 1), “Uma teoria do processo cognitivo da escrita”, de Linda Flower e John Hayes. Preocupados em descrever as operações cognitivas realizadas por escritores, Flower e Hayes não dão conta do papel das atividades emocionais durante o processo de escrita, o que foi objeto de crítica logo após a publicação do texto, na década de 1980. Essa contraparte oferecida por Bittencourt na análise de Butler, que descreve o processo de criação literária sob outra perspectiva, nos soa como uma complementação àquele artigo, fundamental para pensarmos o processo cognitivo de escrita.

Habitar também é um verbo significativo para o ensaio “O tempo da infância nas narrativas memorialísticas”, de Mônica Reiche. Propondo-se a refletir sobre as razões que levam autores de literatura a escreverem memórias da infância, Reiche entende que as lembranças habitam em nós. O habitar, aqui, tem o sentido de latência no repositório do inconsciente. Para Reiche, portanto, trata-se de rememorar fatos do passado, que nos ocorrem por estímulo de sensações aleatórias, como o canto das cigarras ou o sabor das madalenas. De certa forma, a abordagem de Reiche permite relacionar o evento que desencadeia a escrita memorialística com a experiência sensorial de que nos fala Bittencourt quando se reporta ao pensamento de Butler.

Esta edição também contempla outra abordagem da criação literária no ensaio “Poderes da escrita: breves reflexões sobre a literatura na fronteira da Inteligência Artificial”, de Christian Schwartz, escritor e tradutor brasileiro. Seu ensaio tece um paralelo entre o trabalho de escrita e tradução de literatura e o possível desempenho da inteligência artificial em programas como o ChatGPT. Para isso, Schwartz ilustra o

que considera o “caráter humano incontornável daquilo a que chamamos linguagem”, com a análise do desempenho dos monstros ou autômatos criados pela ficção, tais como em *Frankenstein*, ou *As invenções de Hugo Cabret*. Para Schwartz, enquanto a literatura se fizer a partir da experiência sensível do homem na percepção da realidade, “não será possível projetar um autômato capaz da linguagem do afeto”.

Conseguimos ampliar essas discussões na seção “Revisão da Literatura”, dedicada à recuperação e tradução de textos fundamentais sobre a pedagogia da escrita criativa. “O professor de escrita: repensando a avaliação e aprendizagem transformadora na sala de aula de escrita criativa”, do escritor e professor australiano Kevin Price, discute a avaliação da aprendizagem em escrita criativa, questionando os objetivos de ensino nesse campo. Price critica a avaliação que entende o texto como resultado de um processo e o vê como fonte de verificação da aprendizagem de conteúdos pré-selecionados em relação a modelos estudados, e discute a importância de se compreender a escrita como performance e de o/a professor/a ser também escritor/a a criar a oportunidade de uma aprendizagem transformadora. A relevância desse ensaio está no teor da discussão, importantíssima para compreendermos a natureza do ensino de escrita criativa.

E para reforçar a importância da escrita criativa no Brasil, hoje, elaboramos uma lista com sete publicações sobre o campo lançadas nos últimos dois anos, entre 2022 e 2023, sejam de autores e pesquisadores brasileiros, ou em tradução. Entre eles estão os livros de Vanessa Ferrari e Carolina Zuppo Abed, ambas professoras da pós-graduação Formação de Escritores do Instituto Vera Cruz.

Conferência

“Escrita Ficcional e Testemunho no Século 21” foi o título da 7ª Conferência Vera Cruz sobre Escrita, proferida pelo poeta, romancista e professor de escrita criativa brasileiro Paulo Scott. Ele discute a tendência da literatura no século 21 de recuperar do passado referenciais éticos “esquecidos” em forma de testemunhos de comportamentos e acontecimentos sociais que envolvem traumas sofridos por uma parcela da sociedade, no contexto social ou político. Scott, autor, dentre outros, do romance *Marrom e amarelo* (Companhia das Letras, 2019), analisa como essas obras desvelam não apenas o trauma vivido individualmente, mas também como os relatos testemunhais ganham contornos de traumas coletivos. Apoiado em teóricos como Hans Ulrich Gumbrecht, Flora Sussekind e Jaime Ginsburg, o conferencista ilustra o debate com obras de Aline Motta, Paulo Lins, Preta Ferreira, José Falero, Eliana Alves Cruz e Annie Ernaux, dentre outros.

Prosa

Encerramos esta *Revera* com quatro textos ficcionais produzidos por autores e autoras que hoje cursam a pós-graduação Formação de Escritores, do Instituto Vera Cruz. São peças variadas em gênero e estilo, do conto longo à crônica breve, do texto realista ao metaficcional. Hilda Lucas, Jaqueline Almeida, Isabela Moreira e Leopoldo Cavalcante são vozes contemporâneas fortes. Temos a honra de apresentá-los aos leitores desta Revista.

Desejamos a vocês boas leituras.

Os editores